



MULTIMODALIDADE E MULTISSEMIOSE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDO: UMA ANÁLISE DA GDV

MULTIMODALITY AND MULTISSEMIOSE IN THE PROCESS PRODUCTION OF SENSE:
AN ANALYSIS OF GDV

- **Matheus Henrique Duarte** (Universidade Federal de Lavras – mhduarte123@hotmail.com)
- **Francieli Aparecida Dias** (Universidade Federal de Lavras – franielidias.heliadora@yahoo.com.br)
 - **Helena Maria Ferreira** (Universidade Federal de Lavras – helenaferreira@dch.ufla.br)

Resumo:

O presente trabalho elege como objeto de estudo a relação entre as multissemioses presentes nos textos e a produção de sentido. Com o desenvolvimento vertiginoso da tecnologia, as formas de se conceber o conceito de texto tem sido redimensionada, nesse sentido, ressaltamos a importância de criarmos estratégias para que os alunos sejam capazes de compreender os modos semióticos que constituem o texto, construindo, dessa maneira, um dos possíveis sentidos. Nesse contexto, Kress e Van Leeuwen (2006) propõem a Gramática Do Design Visual (GDV) que explora não só textos em sua forma verbal, mas também os textos imagéticos, sem desconsiderar as relações que texto verbal e texto não verbal podem estabelecer entre si e contribuir substancialmente para a produção de sentido. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa de cunho teórico pautada em autores que versam sobre este assunto, dentre eles Xavier (2005), Pinheiro (2015), Rojo (2008), Pimenta e Maia (2014). Posterior a isso, selecionamos uma campanha publicitária, com vistas a explicitar uma análise composicional, como proposto pela GDV. Para Kress e Van Leeuwen (2006), as estruturas do texto não verbal se assemelham às estruturas linguísticas, já que elas podem gerar interpretações singulares de acordo com a leitura e experiências vivenciadas de cada leitor e se constituem também como forma de interação, portanto, é necessária a elaboração de mecanismos que contribuam para a leitura de imagens também. A partir da análise empreendida foi possível constatar que a leitura de textos imagéticos no processo de interação com textos verbais, é uma possibilidade para a ampliação dos letramentos e aciona no indivíduo mecanismos de leitura que extrapolam a materialidade do texto.

Palavras-chave: Multimodalidade. Multissemiose. Leitura. Produção de Sentido.

Abstract:

This paper chooses as object of study the relationship between the multissemioses present in the text and the production of meaning. With the rapid development of technology, the ways of conceiving the concept of text has been resized in this regard, we emphasize the importance of creating strategies so that students are able to understand all semiotic modes that make up the text, building in this way, one of the possible meaning. Therefore, Kress and Van Leeuwen (2006) propose the Grammar Of Visual Design (GDV) that explores not only texts in its verb form, but also the visual texts, without disregarding the relationships they can establish between themselves and contribute substantially to the production of meaning. For this study we carried out a search theoretical, research guided by authors who deal with this issue, including Xavier (2005), Pinheiro (2015), Rojo (2008), Pimenta and Maia (2014). Subsequent to this, we selected an advertising campaign, in order to explain a compositional analysis, as





proposed by the GDV. For Kress and Van Leeuwen (2006) non-verbal text structures resemble the linguistic structures, since they can generate unique interpretations according to reading and life experiences of each reader and also constitute as a form of interaction, so it is required the development of mechanisms that contribute to the reading of images too. From the undertaken analysis it was possible to see that reading imagistic texts in the process of interaction with verbal texts, is a possibility for the expansion of literacies and triggers the individual scan engines that go beyond the text of materiality.

Keywords: *Multimodality. Multissemiose. Reading. Production of sense.*

1. Considerações Iniciais

Contemporaneamente, tem sido discutida de maneira reiterada, a importância de se pensar em novas estratégias para ensinar e aprender. Nesse contexto, no que se refere às aulas de língua portuguesa, as demandas para a ampliação das habilidades linguísticas e discursivas têm se tornado objeto de discussão entre estudiosos e pesquisadores, uma vez que diversos conceitos foram redimensionados ao se considerar a influência das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem e a necessidade de articulação com a vida na sociedade da informação. Dessa maneira, o presente trabalho propõe algumas reflexões que envolvem o processo de leitura de textos numa perspectiva multimodal e multissemiótica, descentralizando, assim, a figura dos textos verbais e visando à ampliação da capacidade leitora dos indivíduos.

Uma das preocupações, em se tratando do ensino de línguas, está intimamente ligada à necessidade de contextualizar o processo, uma vez que as novas tecnologias trouxeram/trazem demandas que exploram no sujeito novas habilidades e competências. Por esse viés, é possível destacar como as tecnologias de informação e comunicação influenciam nos modos de leitura, nos processos de escrita, entre outras habilidades requeridas, portanto, fica posta a necessidade de se desenvolver no educando a capacidade de interagir socialmente por meio da linguagem, em outras palavras, de potencializar nos alunos os letramentos, oportunizando situações de uso real da língua. Soares (2001, p. 44) define letramento como

(...) um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida. Enfim: Letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Com a forte influência das novas tecnologias, os conceitos de leitura e escrita foram se redimensionando, por conseguinte, a ideia de letramento deixou de ser singular e passou a abarcar os (multi)letramentos, uma vez que essa nova forma de encarar os usos sociais da linguagem explora o texto para além da sua forma verbal, mas abrange também os textos imagéticos.

[...] não há como separar o uso da língua e seu ensino das tecnologias da informação e da comunicação. Essas tecnologias foram criadas em função





da língua e existem para servi-la; o rádio, o telefone e mesmo a televisão, entre tantas outras tecnologias da informação, existem porque as pessoas falam. Por outro lado, as pessoas falam, ouvem, escrevem e lêem, fazendo tudo isso com mais intensidade, porque essas tecnologias existem. Quem tem um telefone celular fala mais, interage mais do que quem não tem, provavelmente até mais do que gostaria. A tecnologia alimenta a língua e a língua alimenta a tecnologia, num verdadeiro processo de retroalimentação (LEFFA, 2009, p. 14)

Nesse contexto, o presente estudo se dedica a socializar um estudo empreendido, em que se buscou apresentar de maneira resumida os pressupostos teóricos da Gramática do Design Visual, proposta por Kress e Van Leeuwen (2006). Para análise proposta, selecionamos uma campanha publicitária com a finalidade de explicitar a metafunção composicional (textual), o que sinaliza para a importância de se considerar os diversos percursos de leitura em face da modernidade.

2. O conceito de texto por uma perspectiva multimodal e multissemiótica

Como já supracitado nas considerações iniciais deste estudo, o conceito de texto tem sido repensado. Nesse contexto, é evidente que a emergência das novas tecnologias tem contribuído de maneira substancial para essa (re)construção, uma vez que os princípios basilares a respeito da forma como se concebe o texto tem sido fortemente influenciados pelos modos de interação presentes na sociedade contemporânea.

Dionísio (2005) endossa a ideia de que as novas tecnologias têm contribuído de maneira exponencial para a ampliação do conceito de texto. Para a autora referenciada, Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual (DIONÍSIO, 2006, p. 32).

Essa combinação de material mencionada pela autora é denominada de multimodalidade. Nesse contexto, os vários modos semióticos que se relacionam no texto e se organizam textualmente podem ser compreendidos como “o conjunto organizado de recursos para a produção de sentido, incluindo imagem, olhar, gesto, movimento, música, fala e efeitos sonoros”. (DUARTE, 2008, p.34). No entanto, os modos não se restringem a essa listagem. Todo texto, ainda aquele que apresenta apenas a forma verbal pode ser considerado como multimodal, porque não apenas as imagens, sons entre outros como citado, mas também as cores, a diagramação, e outros aspectos constituintes do texto lhe confere a característica multimodal. Para Kress (1995, p. 7-11)

Um ‘tecer’ junto, um objeto fabricado que é formado por fios ‘tecidos juntos’ – fios constituídos de modos semióticos. Esses modos podem ser entendidos como formas sistemáticas e convencionais de comunicação. Um





texto pode ser formado por vários modos semióticos (palavras e imagens por exemplo) e portanto, podemos chegar à noção de multimodalidade. Com o advento de materiais computadorizados, multimídia e interacional, esta forma de conceituar a semiose se torna cada vez mais pertinente.

Compreender esta dimensão do texto faz com que se reflita também sobre as práticas pedagógicas, porque o cenário das salas de aulas é pautado, tradicionalmente, em uma proposta de leitura centrada no texto verbal. No entanto, não basta a inserção de encaminhamentos metodológicos para o trabalho com o texto não verbal. Conforme Rojo (2009), a multimodalidade dos textos não deve ser encarada como uma simples soma de linguagem, mas a interação desses modos oportuniza uma experiência de leitura e análise linguística que permite ao aluno uma reflexão sobre a linguagem e não, menos obstatante, sobre o mundo. Nessa perspectiva, o aluno deve estar munido de estratégias para analisar essas multissemioses presentes no texto e ser capaz de produzir um dos sentidos possíveis. No que tange a essa discussão, é imprescindível a discussão do conceito de letramento.

[...] A hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, p. 146)

A inserção da pedagogia do letramento na escola aconteceu diante da necessidade de o ensino abranger situações reais de uso da língua, na atuação na sociedade por meio da linguagem. Nesse sentido, no que se refere ao ensino de língua portuguesa, a leitura e análise de textos multimodais demanda que o sujeito esteja apto para compreender os vários modos semióticos que os textos contemplam.

O termo multimodalidade se constitui, portanto, a partir do princípio de que toda significação é fruto da inter-relação entre vários meios semióticos. Assim como na linguagem oral o sentido é representado pelas palavras, gestos, entonação, expressões faciais, ou mesmo o silêncio, em outros contextos de significação é importante analisar a conjunção entre linguagem verbal e imagem, disposição espacial, cores, áudios, vídeos, etc. Deve-se também ressaltar que a multimodalidade, ao se constituir em práticas de letramentos, configura-se, pois, como práticas sócio discursivas, que possibilitam a compreensão e o questionamento de forças ideológicas e de poder com vistas à emancipação e transformação do indivíduo. (PINHEIRO, 2015, p. 211)

Portanto, as relações entre multimodalidade e multiletramentos estão intrinsecamente estabelecidas, porque a leitura de textos multimodais/multissemióticos demanda habilidades ligadas aos multiletramentos, ou seja, as relações sociais presentes no mundo contemporâneo são construídas a partir de diferentes usos da linguagem, materializados por meio de gêneros textuais/discursivos diversos e que figuram em diferentes suportes. Interagir na sociedade da informação implica em compreender as possibilidades de sentido presentes nos diferentes textos, depreender as especificidades da





linguagem em seus diversos suportes e participar efetivamente das atividades presentes na realidade histórica, social e política da vida dessa sociedade.

3. A gramática do design visual na leitura de imagens

Com a perspectiva de contribuir com um instrumento para a análise de imagens e composições visuais, Kress e Van Leeuwen (2006) propuseram a Gramática do Design Visual (GDV) que objetiva apontar mecanismos de análise sistemática dos textos imagéticos, por meio das metafunções. Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmica Funcional de Halliday e Matthiessen (2004), os autores da GDV estabelecem as três metafunções para a análise, sendo elas:

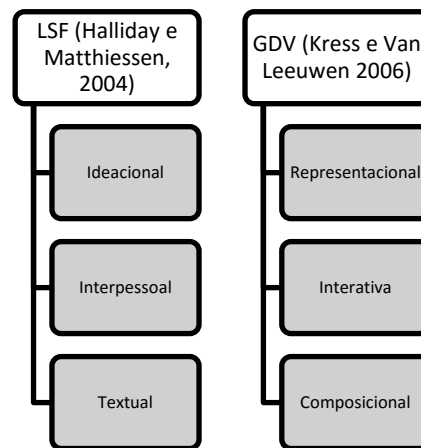


Figura 1. Figura demonstrativa/comparativa das metafunções propostas pela LSF (Halliday e Matthiessen, 2004) e pela GDV (Kress e Van Leeuwen 2006)

É mister citar que essas três metafunções propostas pela GDV estão presentes no texto imagético de maneira simultânea. Em síntese, de acordo com os postulados da Gramática do Design Visual, a metafunção representacional (ideacional) está intimamente ligada à relação dos participantes e sua relação com o mundo. A metafunção interacional (interpessoal) está relacionada pela forma como os participantes interagem. A metafunção composicional (textual) se ampara no pressuposto teórico de que a linguagem visual é constituída pela forma como os modos semióticos se estruturam no texto imagético.

Nesse sentido, buscando caracterizar a função composicional, de modo mais detalhado, que é o foco deste estudo, pode-se elencar os mecanismos constitutivos dos textos não verbais, citados pelos autores da Gramática do Design Visual: a) valor da informação: refere-se à forma como os elementos se constituem no texto imagético. Essa análise considera a organização da esquerda para a direita, na parte superior ou na parte inferior, no centro ou nas margens. Partindo desse construto, os autores estabelecem a noção de informação “nova”, que pode ser visualizada pelos elementos localizados à direita, e informação “dada” sendo representadas à esquerda. Essas informações são postas de acordo com o que o leitor precisa ser informado (nova) e com o que o leitor já sabe (dada).





Pimenta e Maia (2014, p. 11) asseveram que

Nesse sentido, os elementos são analisados em termos de: (i) dado e novo – informações posicionadas à direita são tidas como o ponto de partida da mensagem, o senso comum, aquilo que é passivo, enquanto aquelas posicionadas à esquerda dizem respeito àquilo que se quer atenção especial, ao que é novo, ou problemático.

Outras noções destacadas por Kress e Van Leeuwen (2006) para análise referem-se aos conceitos de ideal e real. O conceito de “ideal” relaciona-se a elementos que despertam emoções, interesse e trabalhar a imaginação do leitor e se posicionam na parte superior. O conceito de “real”, que se localiza na parte inferior, refere-se às informações que são costumeiras, práticas. Há, também, os modos semióticos que são encontrados no centro e na margem. O elemento posto no centro é considerado núcleo, já os elementos das margens se relacionam com a do centro (núcleo) e possuem relevância secundária.

Outro aspecto é a saliência. A respeito disto, Pimenta e Maia (2014, p. 12) argumentam que

A saliência é responsável por criar uma hierarquia de importância entre os elementos, selecionando alguns como os mais importantes e mais dignos de atenção que outros. Isso ocorre através do contraste de tamanho entre os participantes representados, e também se eles estão em primeiro ou segundo plano, pela cor.

Desse modo, são considerados como mecanismos desse aspecto elementos como a cor, os planos, os tamanhos, profundidade de foco. Em se tratando do enquadramento, esse também se refere às imagens centrais.

Essa perspectiva de análise proposta pela Gramática do Design Visual procura compreender o texto não verbal, com vistas à produção de sentido na atividade de leitura pautada em critérios sistematizados, de modo a evitar leituras intuitivas e feitas de modo equivocado.

4. Análise dos dados

Em virtude da extensão do presente estudo e como já supracitado no corpo do trabalho, as análises aqui empreendidas tomam como base a metafunção composicional (textual), embasada na Gramática do Design Visual, proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) e amparado por outros autores como Pimenta e Maia (2014), entre outros. Para a análise proposta uma campanha publicitária foi selecionada, com vistas a compreender, de maneira explícita, as contribuições da GDV para a leitura de textos não verbais. O texto selecionado faz parte de uma série de campanhas publicadas por um banco, em que as peças publicitárias traziam a sabedoria popular para alertar as pessoas sobre questões da vida cotidiana.





Figura 1. Disponível em
<https://edutakashi.files.wordpress.com/2010/12/246x170_placa.jpg>.

Retomando os conceitos supracitados na seção anterior, a GDV propõe uma análise pautada em alguns mecanismos para uma análise sistemática de textos imagéticos, são eles: dado/novo, ideal/real, saliência, centro (núcleo)/margem, enquadramento.

Tomando a imagem por uma perspectiva vertical, ou seja, dividindo a peça publicitária em duas partes, o lado esquerdo apresenta uma estrada (curva), que é bastante comum, ou seja, não se trata de uma informação nova, portanto, não requer uma atenção especial parte do sujeito leitor. O lado direito da imagem é constituído pela modificação do sentido da placa de trânsito, o que figura como novidade e indicia o sentido do texto. Além disso, a mata também se constitui como indicativo para o sentido de “acidente”. Essas informações são complementadas pelo texto verbal. Essa reflexão oportuniza uma exploração dos elementos constitutivos dos textos, como já supracitado neste estudo. Em se tratando dos aspectos “ideal” e “real”, quando a imagem é tomada pela dimensão horizontal, tem-se o texto verbal, posto na parte superior, indicando o que é o ideal e na parte inferior, o nome da agência bancária, como sendo o agente da ação, ou seja, aquele





que viabiliza a intenção da campanha. Assim, a parte superior é constituída pelo discurso (pela proposta de convencimento) e a parte inferior (pela indicação do nome da agência que irá concretizar a ação). Na parte central, estão a construção verbal “vai que...”, em destaque (cor diferente, fonte maior, caixa alta) e a placa (redirecionada para uma posição indicativa de direção errada), que são destaque na mensagem. As informações apresentadas até aqui são aplicações a respeito do que os autores nomearam como valor da informação.

Sobre a saliência na peça publicitária selecionada, merece destaque a composição em sua totalidade: as cores naturais são preservadas na imagem, com uma proposição de que a cor escura (representante natural) seja indicativa de “imprevisibilidade”, de “riscos de queda em um abismo”. O jargão “Vai que...”, em cor branca (no fundo escuro) também é indicativo de relevância para a proposta de sentido. Além da importância da cor, a estratégia de “dizer o máximo, com o mínimo”, ou seja, com objetividade, sinaliza para uma busca de uma aproximação com o leitor, provocada pelo uso de frases do discurso popular. O uso de reticências também complementa os propósitos comunicativos. A placa preserva a identidade própria, no entanto, o uso da direção oposta, permite uma indicação de um sentido para a campanha. A cor vermelha faz alusão a que é utilizada pela agência bancária selecionada e chama a atenção do leitor.

O enquadramento é demarcado no que se refere à referência ao nome do banco, portanto, o texto verbal constituinte dessa parte não necessariamente faz relação com o restante dos elementos. No entanto, as imagens formadoras dessa peça não possuem demarcações claras, indicando uma continuidade contextual. Talvez a demarcação da estrada (linha branca) possa ser considerada como uma desconexão, mas não a consideramos pelo fato de ser constitutiva da imagem. Sobre este ponto, Pimenta e Maia (2014, p. 137) argumentam que são

Elementos que podem ser representados como identidades separadas ou que se relacionam. Tal desconexão entre os elementos acontece por meio de linhas divisórias, descontinuidade no uso de cor ou forma, espaços vazios, por outro lado, a conexão se dá pela ausência de espaços vazios e de linhas divisórias, por cores e forma que se mantêm e se repetem no todo da composição.

Desse modo, é possível perceber como a teoria abordada pelos autores pode ser explicitada na análise de uma peça publicitária e como esses elementos constitutivos podem se relacionar de modo a apresentar um dos possíveis sentidos.

5. Considerações finais

A produção de textos multimodais na sociedade contemporânea demanda novas estratégias de leitura, uma vez que os vários modos semióticos constituintes desses textos contribuem para o “querer dizer”. Nas salas de aula atuais, há uma demanda para a leitura de textos verbais e não verbais, o que aponta para uma necessidade de uma base teórica capaz de embasar propostas de ensino que permitam a utilização de critérios relacionados à sintaxe visual e às composições multisemióticas.

A partir do trabalho empreendido, foi possível constatar a importância de práticas pedagógicas que incitem o aperfeiçoamento das habilidades de questionar, interpretar e





criticar os recursos multissemióticos. Além disso, notou-se que o empoderamento semiótico depende da compreensão das diferentes semioses presentes em cada gênero e considerar que as imagens visuais podem ser lidas como um texto, que a multiplicidade de significados dos textos multimodais deve estar pautada nos seus contextos sociais e que as imagens visuais, como a linguagem e todos os modos semióticos, são socialmente construídas. Nesse contexto, o encaminhamento de uma proposta de leitura exige critérios que abarquem as dimensões do texto verbal e do texto não verbal, para que as imagens nunca sejam encaradas de maneira inocente, mas sejam sempre analisadas considerando-se sua dimensão sócio-ideológica.

Apesar de o trabalho se centrar na análise da metafunção composicional, foi possível constatar a importância de uma proposta de leitura que contribua efetivamente para a ampliação do letramento multissemióticos, uma vez que demanda dos educandos uma leitura proficiente de textos multimodais. No decorrer da atividade realizada, percebeu-se que interpretar as várias semioses do texto é uma tarefa complexa e demanda, por parte de quem a faz, uma atenção cuidadosa para que todos os elementos possam contribuir para a produção de sentido.

Ainda neste contexto, a Gramática do Design Visual foi um aparato demasiadamente importante, uma vez que estabelece critérios pontuais para uma leitura sistematizada. Para Brito e Pimenta (2009, p.23), a metafunção composicional (textual) “se traduz através de arranjos composicionais que permitem a concretização de diferentes significados textuais.”

O presente estudo se revela como um importante aparato teórico para se pensar nas questões das novas tecnologias e no contexto da sala de aula, sempre relacionando as influências que esses redimensionamentos na sociedade podem trazer para as interações sociais e de que maneira elas refletem na forma como os indivíduos se relacionam por meio da linguagem.

6. Referências

BRITO, R. C. L.; PIMENTA, S. M. D. O. A gramática do design visual. In: PIMENTA, S.; AZEVEDO, A.; LIMA, C. **Incursões semióticas: teoria e prática de GSF, multimodalidade, semiótica social e ACD.** Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

DIONISIO, A. P. A multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.) **Fala e Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 177-196, 2005.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; SIEBENEICHER, K. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, p. 131-144, 2006.

DUARTE, V. **Textos multimodais e letramento habilidades na leitura de gráficos da folha de São Paulo por um grupo de alunos do ensino médio.** 2008. 219 p. Dissertação (Pós-graduação em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.





Kress, G. **Writing the future: English and the Making of a Culture of Innovation**. In: London: Routledge, 1995, p-7-11.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 5th. London and New York: Routledge, 2006.

LEFFA, V.J. 2009. Vygotsky e o ciborgue. In: R.H. SCHETTINI; M.C. DAMIANOVIC; M.M. HAWI; P.T.C. SZUNDY (eds.), **Vygotsky: uma revisita no início do século XXI**. São Paulo, Andross, p. 131- 155. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vygotsky_hp_portugues.pdf>. Acesso em: 02/06/2016.

PIMENTA, S. M. de O.; MAIA, D. G. Multimodalidade e letramento: análise da propaganda Carrossel. **Desenredo**, v. 10, p. 12-20, 2014.

PINHEIRO, P. A.; Construção multimodal de sentidos em um vídeo institucional: (novos) multiletramentos para a escola. **Veredas (UFJF. Online)**, v. 19, p. 209-224, 2015.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. **São Paulo: Parábola Editorial**, p. 128, 2009.

SOARES, M. Letramento em texto didático: o que é letramento e alfabetização. In: **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed., 3.reimpr, - Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 128p.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 01/06/2016.

